



Revista Internacional de Folkcomunicação

ISSN: 1807-4960

revistafolkcom@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Brasil

Perdigão, Alberto Magno

O folheto de política na literatura de cordel: a peleja da
querela com o esclarecimento na classificação temática

Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 19, núm. 42, 2021, -Junio, pp. 50-70

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Ponta Grossa, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.5212/RIF.v.19.i42.0003>

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631767645004>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso
abierto

O folheto de política na literatura de cordel: a peleja da querela com o esclarecimento na classificação temática

*Alberto Magno Perdigão*¹

Submetido em: 21/04/2021

Aceito em: 02/06/2021

RESUMO

O presente artigo se localiza no campo da folkcomunicação, em um ponto comum da literatura, do jornalismo e da política. Oferece uma proposta de classificação temática para o folheto de política da literatura de cordel, a partir da análise de conteúdo de narrativas poéticas de caráter informativo-opinativo elaboradas sobre fatos e temas da história e do cotidiano, e denominadas “de acontecidos” entre outros termos. Discute dados de uma revisão bibliográfica sobre a diversidade temática da literatura de cordel, com ênfase nos folhetos de política, e questiona querelas que envolvem a efetividade metodológica de diferentes modelos de classificação.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Literatura de cordel; Jornalismo; Política; Classificação temática.

The politic leaflet in cordel literature: the fight of the quarrel with clarification in thematic classification

ABSTRACT

This article is located in the field of folkcommunication, in a common point of literature, journalism and politics. It offers a thematic classification proposal for the cordel literature politic leaflet, based on the content analysis of poetic narratives of an informative-opinionated character elaborated on facts and themes of history and daily life, and called “de acontecidos” among other terms. Discusses data from a bibliographic review on the thematic diversity of cordel literature, with an emphasis on political leaflets, and questions quarrels that involve the methodological effectiveness of different classification models.

¹ Jornalista, professor, mestre em Políticas Públicas e Sociedade; especialista em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda; com aperfeiçoamento em Roteiro para Rádio e televisão. Pesquisa atual em literatura de cordel como mídia informativa em contextos de exclusão comunicacional, com ênfase nos folhetos de política. Correio eletrônico: aperdigao13@gmail.com.

KEY-WORDS

Folkcommunication; Cordel literature; Journalism; Politics; Thematic classification.

El folleto de política en la literatura de cordel: la lucha de la disputa con aclaración en clasificación temática

RESUMEN

Este artículo se ubica en el campo de la comunicación popular, en un punto común de la literatura, el periodismo y la política. Ofrece una propuesta de clasificación temática para el folleto de política de literatura cordel, basadas en el análisis de contenido de narrativas poéticas de carácter informativo-opinativo elaboradas sobre hechos y temas de la historia y de la vida cotidiana, denominadas “de acontecidos” entre otros términos. Analiza datos de una revisión bibliográfica sobre la diversidad temática de la literatura cordel, con énfasis en folletos de políticas, y cuestiona disputas que involucran la efectividad metodológica de diferentes modelos de clasificación.

PALABRAS-CLAVE

Comunicación popular; Literatura de folleto; Periodismo; Política; Clasificación temática.

Introdução

A diversidade de temas talvez seja a mais inequívoca das características definidoras da literatura de cordel. A pluralidade de assuntos acompanha este tipo de literatura, desde os seus primórdios, como imagem e reflexo do interesse de leitores e ouvintes das poesias. Por consequência, a multiplicidade temática é considerada na ação de poetas, editores, folheteiros ambulantes e comerciantes fixos de folhetos. Desta forma, desperta também a atenção de colecionadores de folhetos, dos mais diletantes aos mais especializados, e tem sido objeto de estudo - ou de citação - dos maiores estudiosos da literatura de cordel.

O presente artigo sai em busca de oferecer uma proposta de classificação temática para o folheto de política. Este tipo de folheto se insere entre os poemas nominados de acontecidos, ou de circunstância, os quais trazem narrativas de caráter informativo, relacionadas a fatos e temas históricos ou do cotidiano. Antes, entretanto, o artigo traz dados de uma revisão bibliográfica que contempla diferentes modelos de classificação temática da literatura de cordel. E analisa, ainda, a validade dessas classificações elaboradas em diferentes

períodos e que, ainda hoje, depois de quase um século de tentativas, seguem relativamente aceitas.

Os modelos, em quantidade, ainda suscitam vários questionamentos em relação à qualidade que oferecem ao leitor mais leigo e ao pesquisador mais rigoroso da folkcomunicação, por não terem alcançado o aprimoramento em questões essenciais que os tornassem não definitivos, que não interessa à ciência, ou por não serem melhores como instrumental de pesquisa. Enquanto não atingem um patamar menos reprovável, seguem as divergências do ponto de vista científico-metodológico e suas “querelas” aparentemente irresolvíveis.

Querela foi o termo usado por Diatahy Bezerra de Menezes, em artigo de 1999 - e que segue atual -, para qualificar as dúvidas “que alimentam infindavelmente as discussões sobre qual tipo de narrativa popular” (p. 280), mais especificamente da classificação da literatura de cordel por ciclos temáticos. Afirmo o autor:

Recuso-me, portanto, a aceitar o círculo fechado de tais querelas mais ou menos inúteis e infecundas, buscando introduzir outra perspectiva analítica que, muito embora ainda apenas sugestiva, pretendo que assuma feição nitidamente histórica com o desenvolvimento das pesquisas. Acredito que esse percurso abriria o caminho para uma hermenêutica inovadora e distante da tradicional reprodução da mesmice. (MENEZES, 1999, p. 281).

A seguir, serão abordados, pela ordem, a diversidade temática, os critérios de análise e os métodos de classificação. E, à sequência, será proposto o referido método de classificação temática aplicável ao estudo do folheto de política.

Diversidade temática

“O cordel contém ciência/ Matemática, astrologia/ Noções de física, gramática/ De história e geografia (...)”, afirma o poeta, pesquisador e militante da literatura de cordel como ferramenta didática, Arievaldo Viana (2010, p. 10), no folheto *Acorda Cordel na Sala de Aula*, publicado, em 2005, pela editora Queima-Bucha, de Mossoró (RN). “A história de Getúlio/ Do Padre Cícero Romão/ Do beato Conselheiro/ De Silvino e Lampião/ (...)/ Críticas à corrupção/ Desmantelo e carestia/ Folhetos satirizados/ Os costumes de hoje em dia” (p. 12), segue o poema dedicado à diversidade temática da literatura de cordel.

Mas o olhar atento sobre a referida diversidade é bem mais antigo. Já no início da publicação da literatura de cordel impresso no país, “os temas tratados pelos cordelistas eram os mais variados possíveis (...)” (BRASIL/MINISTÉRIO DA CULTURA, *on-line*). O poeta e folclorista Leonardo Mota propôs de forma pioneira uma classificação pelo critério do tema para os folhetos, em seu livro *Cantadores*, de 1921 (DIEGUES JÚNIOR, s/d), portanto 100 anos atrás, em relação ao ano em que se escreve este artigo.

Nos anos 1960, foi a vez de Gustavo Barroso, Luís da Câmara Cascudo e outros estudiosos oferecerem diferentes classificações, tendo igualmente o tema como critério de análise (CURRAN, 2014). E, em 1973, há quase 50 anos portanto, tocou ao escritor e jornalista Orígenes Lessa fazer o mesmo (BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 1973), tendo, nas décadas seguintes e até hoje, servido como um dos parâmetros para novos estudos classificatórios da diversidade temática da literatura de cordel.

“Extremamente diversificada, como se sabe, é a temática do cordel. Tudo ou quase tudo serve de motivo aos poetas populares para escreverem seus folhetos.” É o que afirma José de Ribamar Lopes (1994, p. 21), para quem a literatura de cordel “guarda copioso manancial de informações históricas” (p. 40). “A literatura de cordel caracteriza-se por sua diversidade temática e torna-se atrativa por conta desta característica. Com isso, torna-se fonte informacional que abarca e percorre diferentes assuntos e áreas do conhecimento (...)”, corroboram Carolina Tenório, Cleito Barbosa e Regiane Assis (*on-line*, p.12).

“Não seria exagero dizer que o folheto é o produto do que quer que lhe passe [ao poeta] pela frente e venha a estar ao alcance da inspiração (...)”, completam os autores (FREIRE, [2002?], p. 9, *apud* TENÓRIO; BARBOSA; ASSIS, *on-line*). É possível ainda reforçar que “os poetas abordam múltiplos temas” (ALBUQUERQUE, 2011, *apud* DIAS; ALBUQUERQUE, *on-line*), “tão farta a messe de folhetos”, como afirma Maynard Araújo (2013, p. 270), ao relatar uma visita ao comércio de Piaçabuçu, em Alagoas.

Critérios de análise

A diversidade faz da temática da literatura de cordel um tipo de literatura com características muito próprias. A principal delas é, possivelmente, a complexidade. O espectro heterogêneo de temas vai das histórias medievais de cavaleiros e donzelas recriadas ou

reeditadas, desde há quase um século e meio, até as notícias, literalmente, do dia, que, nos dias seguintes, caducam e desaparecem das mãos dos poetas, impressores e folheteiros; vai dos temas relacionados a religiões, religiosos, devoções e castigos divinos até as mais diferentes representações e encarnações do diabo, na Terra e no inferno.

No caso dos folhetos de política, objeto deste artigo, a pluralidade de assuntos vai da ciência política, com suas análises sobre democracia, justiça e igualdade; fatos históricos e conflitos armados; pensadores, revolucionários e mártires; bandeiras de gênero e de orientação sexual, de raça e de orientação religiosa até as políticas públicas demandadas pela sociedade e/ou efetivadas pelo Estado. Presidentes como Getúlio Vargas e Lula da Silva, Tancredo Neves, Fernando Collor e Jair Bolsonaro; eleições, candidatos e suas propagandas e promessas, eleitores e suas esperanças e decepções completam o leque.

Ao lado da heterogeneidade, está a dinamicidade temática. Os temas variam com o tempo: surgem, mantêm-se, ganham força, perdem interesse também, e, algumas vezes, desaparecem. O cangaço, que já foi um tema corriqueiro na chamada fase de ouro do cordel, desde antes e mesmo no período pós-Lampião, cedeu lugar a outros tipos de banditismo, urbano e sedentário, traduzido, talvez, pelo narcotráfico e pelas milícias. Antônio Conselheiro e o Padre Cícero talvez tenham sido substituídos por líderes políticos e religiosos do pós-televisão; e Getúlio Vargas, talvez, por Lula da Silva (LESSA, 1973; CRISPINIANO NETO, 2009).

Os temas dos folhetos possivelmente mudam de acordo com o território onde os poemas são escritos. Esta não é uma questão que tenha despertado o interesse dos muitos estudiosos que já propuseram critérios de classificação temática. Mas parece factível aceitar como hipótese que os temas tenham refletido mais a realidade local, antes da diáspora nordestina rumo ao Sudeste, ao Norte e ao Centro-Oeste, antes também da nacionalização dos conteúdos dos jornais e revistas, das emissoras de rádio e de televisão, e, mais recentemente, da popularização do computador fixo ou móvel conectado à internet.

É possível pensar que a literatura de cordel que se estabelece no Recife, no último quartel do século XX, possa ter sido influenciada pelo fluxo contínuo de informação e conhecimento de portugueses, espanhóis, holandeses etc, de diferentes matrizes éticas e religiosas, alfabetizados ou não, que aportaram ou passaram a viver, e a gerar descendentes,

naquela cidade, nos séculos anteriores ao período Colonial. A capital da atividade açucareira e principal porto da região também acolheu as primeiras gráficas do Império.

Os folhetos que se editavam intensamente no Recife nos primeiros anos da República impuseram um modelo de narrativa, de impressão e de distribuição para um Nordeste que se construía como comunidade imaginada (ANDERSON, 2008), mas, certamente, os temas desenvolvidos, a partir de outras cartografias do desejo, de afetos e de sociabilidades distintas, (GUATARRI; ROLNIK, 1996) eram de alguma forma diferentes. Mossoró, como território de resistência ao bando de Lampião, Juazeiro do Norte, como a terra santa do Padre Cícero; o Amazonas e o Acre da exploração do látex da borracha, Brasília da construção da capital, São Paulo da indústria e o Rio de Janeiro para o nordestino trabalhar completam a hipótese.

Corroborar com a intuição da referida dinamicidade espaço-temporal dos temas da literatura de cordel a ocorrência de poemas sob a mesma categoria temática escritos em locais distantes e em épocas diferentes, por poetas e para um público notadamente diversos. Revoluções políticas na América Latina ou heróis nacionais, por exemplo, são temas que narram igualmente a Revolução Mexicana (1910 - 1924) ou Emiliano Zapata (1879 - 1919) e a Revolução Cubana (1953 - 1959) ou Fidel Castro (1926 - 2016), e foram retratados em épocas diferentes no Brasil.

O terceiro aspecto a compor a referida complexidade temática do cordel é a do hibridismo. Os temas arrolados pelos estudiosos, estranhamente, desconsideram por completo o fato de que os assuntos se cruzam sem limites, podendo o folheto ser enquadrado - esse parece ser o problema - não em uma, mas em diferentes categorias de análise. O encontro de Lampião com o Padre Cícero deveria estar, pelo menos em tese, listado em cangaço, Lampião, religião e/ou em Padre Cícero? A derrubada das Torres Gêmeas seria tema da política internacional, do terrorismo, da religião e/ou dos acidentes aéreos?

Há casos em que um mesmo folheto traz dois ou mais poemas, não obrigatoriamente do mesmo tema, e apresenta, na capa, um título referente a um dos poemas compreendido pelo autor ou pelo editor - não pelo leitor - como principal. Ou seja, o hibridismo, mistura ou ambiguidade temática, pode ocorrer no próprio folheto a ser enquadrado em verdadeiras formas de gesso, como a arte, a poesia neste caso específico, não fosse plural e diversa em

seus possíveis temas, ou como se autores e leitores não fossem livre para dar ao poema os mais subjetivos, portanto diferentes, significados.

Além das três características propostas - complexidade, dinamicidade e hibridismo -, os critérios de enquadramento temático da literatura de cordel poderiam considerar, para além de unicamente o tema aparentemente predominante da poesia principal, outros parâmetros, que se apresentam aqui como um exercício de reflexão sobre a validade de utilização de um único critério, o que, talvez, nem seja o mais racional. São parâmetros não excludentes e que já são utilizados para classificar outros sistemas mais ou menos complexos, nas artes e nas ciências humanas, inclusive na literatura.

A literatura de cordel pode ser entendida como outra literatura, em certos aspectos, mas nunca como uma não-literatura. Assim, parece factível, por exemplo, classificar os folhetos, como na literatura elitista ou erudita, de compreensão eurocêntrica, segundo o gênero épico ou narrativo (épico, fábula, epopeia, novela, conto, crônica, ensaio e romance), lírico (elegia, ode, écloga e soneto) ou dramático (auto, comédia, tragédia, tragicomédia e farsa). Ou ainda segundo as escolas brasileiras, cujos períodos coincidem com o cordel impresso (Pré-Modernista, Modernista ou Pós-Modernista).

Outros critérios de análise poderiam ser acolhidos na classificação dos temas, quem sabe de subtemas, de forma a aclarar a diversidade temática da literatura de cordel. É possível intuir que haveria um cordel rural e agrário, que caracterizava a sociedade e a economia predominantemente rurais que perdurou no Brasil, até a primeira metade do século XX; um cordel de um país urbano e industrial, e um terceiro tipo misto ou de transição. De outra forma, poder-se-ia analisar o tema preponderante do folheto baseado na raça e/ou na orientação religiosa, no gênero e/ou na orientação sexual.

Estas são algumas conjecturas, não proposições de critérios para métodos de classificação, que têm o objetivo tão somente de estimular o debate sobre (1) a validade científica dos métodos já propostos e, relativamente consolidados por um senso acomodado, desatento e pouco rigoroso diante dos objetivos a que se propõem; (2) a real utilidade desses métodos; e, (3) como via de consequência, ensejar possíveis descartes ou atualizações, em parte ou no todo, dos referidos métodos. Alguns deles, talvez, pareçam esdrúxulos ao leitor mais leigo, como o soaram a alguns pesquisadores mais exigentes.

Métodos de classificação

A revisão bibliográfica trazida aqui, de caráter exploratório e, portanto, sem o mesmo cuidado quantitativo da pesquisa empírica, identificou 24 diferentes tipos de classificação temática para a literatura de cordel, elaborados em variadas épocas por 17 autores de formação e de atuação as mais diversas - alguns com até quatro modelos de classificação -, e segundo sete distintos critérios de análise do conteúdo - incluídos, entre outros, dois critérios relacionados às formas da poesia e do folheto -, numa verdadeira metáfora da diversidade temática já referida.

São métodos que, por um lado, repetem-se em pequena ou grande parte, e não se somam num todo aceitável; por outro, apresentam lacunas que igualmente dificultam a compreensão. “Nesse terreno, tudo se passa como se, à primeira vista, o estudioso quisesse demonstrar a sua competência rejeitando as tipologias dos demais e construindo a sua própria classificação mediante alguns arranjos e acréscimos”, afirma Diatahy Bezerra de Menezes (1999, p. 281), levantando a primeira de uma série de suspeitas sobre a qualidade dos métodos de classificação propostos.

Classificam o folheto de cordel de acordo com o tema Mário de Andrade (apud Menezes, 1999), Ariano Suassuna (apud SLATER, 1984; MENEZES, 1999), Manuel Cavalcanti Proença (s/d, apud SLATER, 1984); Manuel Diégues Júnior (s/d, apud SLATER, 1984; s/d, apud LOPES, 1994), Carlos Alberto Azevedo (s/d, apud SLATER, 1984), Orígenes Lessa (1973; s/d, apud LOPES, 1994; s/d, apud BRASIL, 1973), Casa de Rui Barbosa (s/d, apud BRASIL, 1973), Alceu Maynard Araújo (2013) e Maria Alice Amorim (2014). O tema é normalmente indicado pelos conteúdo dos versos e/ou confirmado pelo título atribuído ao folheto, orientação que usualmente se repete na avaliação do classificador.

Completam a lista das classificações por tema o espanhol Julio Caro Baroja (apud BRASIL, 1973) e o francês Robert Mandrou (apud DIEGUES JÚNIOR *et al.*, s/d), que refletem uma literatura semelhante quanto à origem e a forma populares, mas que pouco se aproxima dos conteúdos do cordel brasileiro e nordestino. Outros fatores de análise menos frequentes são a temporalidade, apresentada por Orígenes Lessa (s/d, apud SLATER, 1984), por meio do qual o pesquisador divide os temas dos folhetos entre perenes e de interesse imediato; e o

gênero, como indica Ariano Suassuna (s/d, apud SLATER, 1984), para quem o folheto pode ser romance, abecedário, peijas e canções.

Continuam Liedo Maranhão de Souza (s/d, apud SLATER, 1984), que separa folhetos, de oito páginas, de romances, que são bem mais extensos; Roberto Câmara Benjamin (s/d, apud SLATER, 1984), que adota o critério da função a que serve o folheto (informação, divertimento e crítica social); e Menezes (apud ALBUQUERQUE, 2011, apud DIAS; ALBUQUERQUE, s/d), que os distingue por períodos (em ordem cronológica de mais antigo a mais recente, romances de cavalaria, inserção do herói popular nordestino e folhetos de acontecimentos). Dois pesquisadores, finalmente, fazem o que chamam de síntese de classificações outras, quais sejam Diegues Júnior (s/d) e Ariano Suassuna (apud LOPES, 1994).

Os modelos de classificação temática propostos para a literatura de cordel trazem consigo dois hiatos originais, que dificultam não só compreendê-los, mas, sobretudo, aceitá-los, enquanto modelos de análise, enquanto método científico de observação. Os pesquisadores proponentes não esclarecem o porquê da elaboração dos métodos, seus antecedentes, suas razões de existir ou, mais pragmaticamente, para que servem; tampouco explicam o para quê, ou seja, suas consequências, que utilidade concreta têm os dados obtidos a partir da aplicação das tais metodologias.

Joseph Luyten considera um “absurdo” as tentativas de classificação. Argumenta o autor que “seria a mesma coisa que dividirmos a literatura brasileira em heróica, obscena, de banditismo, religiosidade e temas medievais” (2005, p. 46). Luyten sugere que a classificação temática atinge de forma discriminatória a literatura de cordel e defende que o olhar do pesquisador deve recair sobre o autor do folheto, não sobre o tema abordado na poesia.

Devemos ter em mente que a literatura de cordel é semelhante a qualquer outra literatura, isto é, tem autores. Esses autores podem ter preferências por algum tema, mas, nesse caso, eles, e não a literatura de cordel, é que devem ser estudados de acordo com temas. Existem no Brasil, até institutos que dividem suas coleções de folhetos por temas, e não por autor, o que ao meu ver, é um verdadeiro atentado ao poeta popular. (LUYTEN, 2005, p. 46).

Autores como Ariano Suassuna consideram duas ou três grandes áreas temáticas para a literatura de cordel para, em seguida, compartimentá-las em ciclos, certamente influenciados por estudos mais robustos realizados para caracterizar especificamente as

novelas medievais de cavalaria, os quais apresentam três ciclos fundamentais, quais sejam o bretão (ou arturiano), o carolíngio e o clássico (Menezes, 1999). Na análise que faz sobre a aplicação do modelo de ciclos temáticos à literatura de cordel, Diatahy Bezerra de Menezes condena o arranjo, que considera equivocado, sob o ponto de vista metodológico.

Além do mais, todas as classificações por ciclos temáticos tentadas para o nosso caso jamais chegaram a abarcar seu corpus inteiro, mas apenas o acervo que cada autor logrou coletar ou examinar, não indo em geral além de algumas centenas de folhetos; o que, reconheçamos, é muito pouco face às exigências da tarefa e constitui assim muito mais um viés introduzido pelas preferências do pesquisador. Mesmo se conseguíssemos juntar todas as coleções disponíveis hoje no Brasil, o fundo assim constituído não passaria de uma simples parcela de seu corpus total. Entretanto, não reside nessa dificuldade a questão fundamental. (MENEZES, 1999, p. 285).

O autor segue com a análise, desta vez alertando para o caráter a-histórico do referido modelo de classificação:

Finalmente, atravessa todas essas classificações significativa dose de a-historicidade, já que pressupõem a Narrativa Popular em Verso como corpus acabado e fixo; portanto, sem um desenvolvimento temporal expressivo decorrente de mutações socioculturais abrangentes e de transformações sofridas por seus grupos criadores e consumidores. É bem verdade que alguns de seus temas são mais ou menos trans-históricos e, em certos sentidos, transculturais. Mas é igualmente verdadeiro que eles sofreram, no Nordeste, relevante processo de transformação e adaptação. (MENEZES, 1999, p. 286-287).

Ulpiano Menezes (2019), por seu turno e sem desconsiderar a falha da a-histocidade, propõe a “criatividade linguística” como critério de análise e classificação temática da literatura de cordel. Afirmo o autor:

Que ordem vislumbrar? Que padrões identificar para compreender? Tentativas de classificação por ciclos falharam, por não historicizar adequadamente a presença e o comportamento do cordel. Julgo, porém, que esse generoso e simpático caos deva ser lido numa outra ótica: a da criatividade linguística. A noção foi formulada a partir de uma frase de Humboldt, que muito explica dos limites humanos e sua capacidade de superá-los: “a língua faz usos infinitos de meios finitos”. No meu entender, sem minimamente subestimar as forças históricas de contexto – que ainda não foram suficientemente investigadas e sistematizadas – a criatividade linguística é, sem dúvida, um dos atributos de marca da tradição cordelista. (MENEZES, 2019, p. 233).

Novamente com Diatahy Bezerra de Menezes, o autor propõe “uma via de superação desse impasse” classificatório, por meio da formulação de um método que considera “analiticamente mais consistente e empiricamente mais consentânea, de uma caracterização de perfil decididamente histórico”, de forma a entender a noção de ciclo temático “noutra perspectiva bem diversa da adotada até agora” (MENEZES, 1999, p. 287). Este outro modelo considera, em certa medida, as etapas históricas mais relevantes da literatura de cordel, mas também as grandes temáticas que as caracterizam e as definem. Assim, seriam três as categorias ou períodos propostos.

O primeiro período seria o da “recusa da história” (da tradição medieval dos romances de cavalaria, em que figuram com protagonismo, por exemplo, Carlos Magno e de seus pares - cavaleiro e cavalo). O segundo período seria o da “clara aceitação da história (em que o protagonismo passa a ser também do popular sertanejo e nordestino, a exemplo de cangaceiros, coronéis, líderes religiosos etc). E o terceiro período seria o da “história acontecimental do presente” (os temas e fatos do cotidiano narrados de forma alternativa, popular e, em grande medida, contra-hegemônica, em relação à chamada mídia tradicional).

Folheto de política

A mesma revisão bibliográfica que aponta os modelos de classificação temática da literatura de cordel e seus critérios metodológicos também esclarece sobre os temas mais frequentes dos folhetos. Entre os temas qualificados como principais, estão os temas informativos e, entre estes, está o universo da política. Como grosseira alegoria, pode-se comparar a hierarquia organizativa pretendida deste tipo de literatura com a da biologia, que tem famílias, gêneros e espécies de animais; ou, com a da química, que se organiza por meio de uma tabela periódica constante de grupos e elementos.

Os folhetos informativos formam um grupo específico, ao lado dos folhetos de tradição (também denominados comumente de heróis, de cavalaria, de donzelas) e dos folhetos de pelejas (ou de cantoria) (LOPES, 1994; DIEGUES JÚNIOR *apud*, s/d). Os folhetos informativos são chamados indiscriminadamente de acontecidos, de circunstância, de época, de ocasião ou de notícia. E os livretos da subdivisão política podem ser encontrados mesmo

nas pequenas coleções de folhetos de acontecidos, uma vez abarcam uma variedade de assuntos, que vão muito além da política partidária ou eleitoral, como se verá a seguir.

Orígenes Lessa cita os folhetos do que chama de ciclo circunstancial, “sobre os acontecimentos políticos ou sobre os fatos ocorridos recentemente” (1973, p. 10-11) numa lista ampliada, em relação a Ribamar Lopes e Manuel Diegues Júnior e outros, que incluem outros cinco ciclos: heróico, histórico, maravilhoso, religioso e de moralidade, e de amor e fidelidade. Igualmente, Alceu Maynard Araújo lista os “fatos locais” (2013, p. 270) e outras cinco temáticas: desafios, religião, banditismo, pornografia e literatura e história universais.

“Fatos mais próximos do público, ocorridos em seu ambiente social: façanha de cangaceiros, acontecimentos políticos, catástrofes, milagres e até mesmo a propaganda, com fins religiosos e comerciais” (BRASIL, *on-line*) estão ao lado das aventuras de cavalaria e outra narrativas tradicionais. Maria Alice Amorim, entre 16 temas que arrola, cita os “assuntos e pontos de vista (...) da atuação feminina no mercado de trabalho, das lutas libertárias em favor de minorias, da defesa de novas tecnologias, do debate sobre temas sociais e preservação do meio ambiente” (2019, p. 42).

As duas listas de temas mais extensas são, provavelmente, as de Franklin Maxado, com 24 diferentes categorias, onde estão listados os temas “de fenômenos ou de casos” (2011, p. 65); e de Albuquerque, com 27 classes distintas, entre as quais “agricultura; (...); biografia e personalidades; cidade e vida urbana; (...); cultura; esporte; fenômeno sobrenatural; (...); intempéries; justiça; meio ambiente; (...); morte; (...); político e social; poder; religião; (...); saúde e doença” (2011, *apud* DIAS; ALBUQUERQUE, *on-line*, s/d).

A palavra política e suas variações de gênero e número aparecem explicitamente entre os subtemas do tema ou ciclo de acontecidos, em oito das obras revisitadas na pesquisa. “Política” está em Orígenes Lessa (*apud* LOPES, 1994), Brasil (1973, p. 27-28), Albuquerque (*apud* DIAS; ALBUQUERQUE, *on-line*), Alceu Maynard Araújo (2013, 278-279) e Diegues Júnior (s/d, p. 53). “Fatos políticos” e “acontecimentos políticos” estão em Brasil (1973, p. 27-28), Orígenes Lessa (1973, 10-11), Freire (*apud* TENÓRIO; BARBOSA; ASSIS, *on-line*), Brasil (*on-line*) e Diegues Júnior (s/d, p. 53).

A lista se completa com “eleição” e “campanha eleitoral”, encontradas em Brasil (1973, p. 27-28), Orígenes Lessa Brasil (1973, p. 27-28) e Diegues Júnior (s/d, p. 53). O mesmo

Diegues Júnior amplia o rol com as expressões “luta ideológica” juntamente com Brasil (1973, p. 27-28). Foram anotadas ainda, também em Diegues Júnior, a palavra “revoluções” (s/d, p. 53) e o vocábulo “poder”, em Albuquerque (apud DIAS; ALBUQUERQUE, *on-line*).

Com bastante segurança é possível dizer que a política sempre esteve entre os temas dos folhetos de acontecidos e que estes podem ser encontrados entre as primeiras publicações da literatura de cordel no Brasil. O poeta potiguar natural de Vila de Touros, no Rio Grande do Norte, João Santana de Maria, o Santaninha, escreveu pelo menos dez folhetos de cordel, que foram publicados entre 1873 e 1883 (VIANA; LIMA, 2017), portanto cerca de uma década antes das primeiras impressões do grupo pioneiro da literatura de cordel, formado, entre outros, por Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e Silvino Pirauá de Lima (VIANA, 2010).

Santaninha foi um retirante da terrível seca de 1877, que passou a viver na capital do Império, o Rio de Janeiro, onde a modernidade da impressão já havia chegado, 69 anos antes dele, com a família real. De acordo com Arievaldo Viana e Stélio Lima (2017), quatro dos folhetos de autoria de Santaninha foram resgatados. Estes têm como títulos *O Imposto do Vintém*, *A Guerra do Paraguai*, *A Seca do Ceará* e o *Célebre Chapéu de Sol*, sendo, portanto, folhetos de acontecidos. Não parece estranho o fato, diante da informação de que poesias-reportagens - embora ainda não chamadas assim - já eram manuscritas e/ou cantadas em feiras e fazendas do Nordeste, antes da disponibilidade de máquinas impressoras, naquele Recife do final do século XIX.

O próprio Leandro Gomes de Barros dedicou parte de sua obra, desde os primeiros folhetos, a fazer uma crônica social, e às vezes veemente, em relação às mudanças introduzidas por uma nova institucionalidade de uma República que impunha mudanças a arraigados costumes e crenças. Era comumente ácido, satírico com normas e autoridades, exatamente como faziam os jornais à época. Mais tarde, dedicou também pelo menos 21 folhetos ao cangaceiro Antônio Silvino (OLIVEIRA, 2015), ao lado de Francisco das Chagas Batista, que também “cobriu” o cangaço.

Classificação do folheto de política - clássica ou ampliada

Apresentar-se-á, a seguir, uma proposta de classificação temática para o folheto de política da literatura de cordel. O modelo foi desenhado a partir da observação do assunto predominante dos poemas e, em caso de ambiguidade surgida de mais de um assunto abordado, o título do folheto serviu como definidor do tema principal. Foi considerada uma amostra de cerca de 500 folhetos adquiridos, entre 2017 e 2021, de poetas-repórteres, de colecionadores e em editoras, feiras, pontos de venda e folheteiros de Fortaleza e Juazeiro do Norte, no Ceará; Recife e Caruaru, em Pernambuco; e Mossoró, no Rio Grande do Norte.

O modelo segue os parâmetros convencionais já conhecidos de classificação, tendo como objetivo analisar a natureza e a extensão da diversidade temática abrigada no folheto de política. É composto de cinco eixos temáticos: ciência política, disputa política, vultos da política, notícia política e políticas públicas. Cada eixo se divide em temas, como em ciência política, que comporta: teoria política, história política e pensadores da política. E cada tema pode, ainda, compartimentar-se em subtemas - como presidentes da República são subtemas do tema presidentes, do eixo vultos da política.

Em ciência política, o primeiro eixo, estão os temas teoria política, história política e pensadores da política. Os folhetos de teoria política tratam de temas relacionados a Estado, poder, democracia e cidadania, contemplando teses das mais clássicas ao pensamento contemporâneo em discussão nas universidades. O que poderia, sem maiores problemas, justificar a divisão deste tema em dois subtemas.

Em história política, estão classificados folhetos que narram episódios de forte conotação política que entraram para a história. Os eventos são de caráter universal, nacional ou local, às vezes da cidade onde vive o poeta-repórter. À medida da necessidade de quem utiliza o modelo, e dado que este não tem qualquer pretensão de ser fechado, o tema poderia, igualmente ao de teoria política, ser compartimentado em novos subtemas, sem qualquer prejuízo do todo.

Em pensadores da política estão listados os folhetos relacionados à vida ou à obra de teóricos que contribuíram com a ciência política, e ainda contribuem. Este tema se apresenta como único inteiro, mas também poderia ser dividido em vários subtemas direta ou indiretamente ligados à política. A amostra disponível é relativamente pequena, mas os temas

são surpreendentes pelos fatos de serem apresentados como poesia e em folhetos da literatura de cordel.

O segundo eixo temático proposto é o da disputa política. Neste eixo estão localizados quatro temas: eleição, candidato, eleitor e propaganda. No tema eleição, estão os folhetos relacionados ao evento eleitoral e ao ato de votar. Observe-se a diversidade de perspectivas apresentadas pelos poetas-repórteres, por meio da ocorrência de poemas que são verdadeiras elegias a uma festa democrática até ironias ácidas que descredenciam o procedimento consagrado da democracia representativa; de outros que tratam de movimentos históricos por eleições diretas até a reação diante das notícias falsas que teriam influenciado o resultado das eleições gerais de 2018.

No tema candidato estão os folhetos que se referem ao perfil e ao comportamento de políticos durante a disputa eleitoral. O palavreado ardiloso, as promessas mirabolantes e uma suspeita esperteza dos candidatos têm lugar neste tema.

No terceiro dos quatro temas deste eixo temático, tem-se o tema eleitor. Os folhetos tratam do votante, sua cultura e representações, seu perfil e comportamento. Observe-se que, diferentemente do folheto do tema candidato, desta feita o poeta-repórter fala do leitor e de si mesmo, indiretamente, enquanto eleitores que são. Uma suposta ingenuidade deste eleitor é recorrente nos poemas-reportagem, que apresentam tom mais de alerta e menos de reprovação.

Completam o eixo os folhetos de propaganda. Foram escritos como peças publicitárias, e não jornalísticas, como os demais deste eixo, mas são igualmente informativos, ao trazerem dados valiosos de candidatos e de suas perspectivas em relação ao eleitor e à eleição. São folhetos de diferentes épocas e de diferentes territórios, o que os torna mais interessantes para a análise e coleta de dados, por exemplo, sobre quem financiou e/ou editou a propaganda.

O terceiro eixo temático dos folhetos de política é o de vultos da política. Este eixo está dedicado a figuras célebres que entraram para a história pela participação que tiveram na política. Quatro temas compõem o eixo, a saber: presidentes, revolucionários, mártires e outros políticos. Presidente é um tema que relaciona, como subtemas, os presidentes do Brasil, do período da Redemocratização e do que se está chamando de bolsonarismo.

Presidentes de períodos anteriores formam outro subtema, outros presidentes, como se verá a seguir.

O tema presidente é dividido em oito subtemas, o subtema Bolsonaro é dedicado ao presidente Jair Bolsonaro, seguindo assim até o subtema Tancredo. Ainda neste tema, há o subtema outros presidentes. O tema se conclui com o subtema presidentes de outros países.

O segundo tema deste terceiro eixo é intitulado revolucionários. São folhetos de militantes políticos que se notabilizaram pelas lutas de libertação que empreenderam ao longo de suas vidas e que, por este motivo, têm um lugar assegurado na história. O terceiro tema, intitulado mártires, é reservado a personalidades que foram assassinadas durante ou por consequência da luta política que empreendiam. O tema final deste terceiro eixo é outros políticos. Está reservado a figuras políticas que não foram considerados mártires ou revolucionários pela história, tampouco ocuparam a Presidência da República. São políticos que obtiveram alguma notoriedade, muitas vezes no território do poeta-repórter.

O quarto dos cinco eixos temáticos é notícia política. O eixo se divide em três temas que são notícias nas mídias jornalísticas: crise interna, crise internacional e editorial. Crise interna abarca os folhetos que se reportam a protestos, atentados, greves etc ocorridos no Brasil. O tema crise internacional trata de conflitos entre nações e suas consequências. Guerras e atentados terroristas estão entre os assuntos recorrente do grupo.

O terceiro tema deste quarto eixo, intitulado editorial, reúne os folhetos que, como sugere o título, muito se assemelham a um editorial de jornal. Na narrativa dos folhetos, o poeta-repórter parte de um fato ou tema muito em voga no cotidiano do território em que atua e o problematiza, ou seja, politiza-o. Ele emite opiniões a respeito da ocorrência ou questão, faz relações de causa e efeito, contextualiza perante a história e aponta possíveis soluções futuras.

O quinto eixo temático da classificação proposta é políticas públicas. Neste grupo estão problemas como os apresentados no tema do eixo anterior, editorial, mas o tom da poesia-reportagem é de reivindicação aos poderes Executivo, Legislativo ou Judiciário, como num simulacro de diálogo público. O eixo é formado por três temas, quais sejam demandas cotidianas, demandas estruturais e políticas públicas. Neste último caso, os folhetos tratam do que o poder público fez, fará ou está fazendo para atender as demandas apresentadas.

O tema demandas cotidianas é dividido em quatro subtemas, que trazem assuntos muito comuns como motivadores de contendas institucionais e políticas entre o Estado e a sociedade, a saber: economia, corrupção, saúde e violência.

No subtema economia, estão questões relacionadas à política econômica, ou seja à macroeconomia, mas também à ocupação, à renda e à pobreza. No subtema corrupção estão as denúncias de corrupção no âmbito do Estado, especialmente do poder Executivo da União. O tom predominante das poesias-reportagens é de protesto contra os desmandos e a imunidade, sendo muito presente também a expectativa de punição dos corruptos.

O terceiro dos quatro subtemas do tema demandas cotidianas é saúde. Os poemas-reportagem tratam de doenças epidêmicas, suas causas, a profilaxia e o tratamento. O tom predominante das narrativas é de alerta e de serviço de utilidade pública. A dengue estava muito presente como assunto nos meios de comunicação e as campanhas de base territorial eram muito comuns, à época da construção da amostra. O tema foi superado, a seguir, pela pandemia do coronavírus. O quarto subtema é violência, refletindo as questões de segurança pública.

No tema demandas estruturais estão questões históricas que remetem aos direitos humanos, ao direito à moradia, à terra, à água e ao meio ambiente equilibrado. Cinco subtemas compõem este tema: mulher, negro e índio, Amazônia e meio ambiente, reforma agrária, moradia e seca. No subtema mulher, estão os folhetos que representam a luta feminista. No subtema negro e índio estão os assuntos relacionados aos povos não-brancos e às questões de direitos humanos que os afetam. Para o subtema Amazônia e meio ambiente, reservaram-se os folhetos que tratam das questões da natureza como bem difuso e planetário, e da preservação dos recursos naturais.

No subtema reforma agrária estão os folhetos que tratam da questão fundiária, da falta de acesso à propriedade da terra. No subtema moradia, aparecem os folhetos que tratam da escassez de moradia urbana, do déficit habitacional como causa da formação de favelas. Finalizando o tema demandas estruturais, tem-se o subtema seca. A “estação” que se repete recorrentemente e de forma irregular no semiárido brasileiro, e que coincide espacialmente com o bioma Caatinga, ocupa o imaginário popular como uma peste que causa pobreza, sofrimento e morte.

O último dos eixos é políticas públicas, que não está dividido em temas ou subtemas. Este eixo traz os programas, projetos e ações do Estado, ou dos governos, na perspectiva mais ou menos apaixonada do poeta-repórter. Algumas poesias-reportagens são encomendadas pelo próprio executor da ação governamental, caracterizando, desta forma, uma propaganda institucional.

O mais importante na recepção dessa proposta de classificação temática é ter em mente que ela repetiria os mesmos problemas de origem, de justificação, de método e de efetividade, já analisados. Mas que, mesmo com lacunas ou falhas, pode sim apontar para a ampliação da diversidade de temas do folheto de política. É relevante também considerar que a referida proposta é só uma alternativa de método de classificação e que, desta forma, pode e deve ser utilizada de maneira aberta e modulável, sujeita às adaptações aditivas ou supressivas que pareçam convenientes ao pesquisador.

Em terceiro lugar, não obstante as querelas por certo pertinentes levantadas por Diatahy Bezerra de Menezes (1999), a proposta de classificação serve de modelo para o encaixe de outros assuntos jornalísticos contemplados no folheto de cordel, como economia, cidades, polícia, esporte etc. A propósito, e para o pesquisador que descredencia o modelo amplo de classificação proposto, poder-se-ia oferecer um outro método, alternativo, este restrito às editoriais de um jornal.

Outros critérios de classificação poderiam igualmente ser usados, o que já foi discutido aqui, como o tempo ou o lugar onde o poema-reportagem foi escrito, quem sabe o suficiente para sustentar um terceiro método. Mais importante para esclarecer as tais querelas, talvez seja admitir novos métodos de classificação que, a despeito o risco de falha metodológica, possa servir a visualizar e organizar a diversidade temática do folheto de política, este assim relativamente acolhido como objeto de estudo.

Considerações finais

O artigo trouxe esclarecimentos a respeito do folheto de política constante do ciclo temático dos folhetos noticiosos, ou de acontecidos, da literatura de cordel, e suscitou algumas querelas que resistem no âmbito dos modelos de classificação temática desse tipo de narrativa literária. Percorreu um trajeto metodológico que incluiu a análise de dados de

uma revisão bibliográfica que contemplou, pela ordem, a diversidade temática da literatura de cordel, os critérios de classificação temática dos folhetos e os métodos de classificação que aplicam os referidos critérios e onde se localiza o folheto de acontecidos.

À sequência, analisou especificamente o folheto de política disponível numa amostra de cerca de 500 exemplares, para, então, de forma empírica, apresentar uma proposta de método de classificação para este tipo diferenciado de narrativa. O método utilizou parâmetros convencionais ou clássicos e ofereceu a possibilidade de classificar os folhetos por meios de cinco diferentes eixos temáticos - ciência política, disputa política, vultos da política, notícia política e políticas públicas -, os quais se dividem em temas e estes e subtemas.

Dado o mote, que venham novas pelejas em torno do desafio de compreender o folheto de política da literatura de cordel em sua extensão temática. As propostas metodológicas parecem importantes. E os dissensos soam imprescindíveis.

Referências

AMORIM, Maria Alice. **Pelejas em rede**: vamos ver quem pode mais. Recife: Zanzar, 2019.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Literatura de cordel**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Literatura popular em verso**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

BRASIL/MINISTÉRIO DA CULTURA. **Cordel**: literatura, diversão e informação. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/o-dia-a-dia-da-cultura/-/asset_publisher/waaE236Oves2/content/cordel-literatura-diversao-e-informacao/10883. Acesso em 18 mai. 2018.

CRISPINIANO NETO, J. **Lula na Literatura de Cordel**. 2. ed. Fortaleza: IMEPH, 2009.

CURRAN, Mark. **Relembrando a velha literatura de cordel e a voz dos poetas**. Lexington: Trafford, 2014

DIAS, Karcia Lúcia Oliveira; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Aconteceu virou cordel**: analyze of cordel about Getúlio Vargas's death based on the light of likelihood. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2014v19n41p1/28288>. Acesso em 18 mai. 2018.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel apud **Literatura popular em versos**. s/d: Editora Itataia Limitada; Editora Universidade de São Paulo, s/d.

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. Petrópolis (RJ), Vozes, 1996.

LESSA, Orígenes. **Getúlio Vargas na Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1973.

LOPES, José de Ribamar. **Literatura de cordel**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1994.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MAXADO, Franklin. **O que é cordel na literatura popular**. Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2011.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. **Das classificações por ciclos temáticos da narrativa popular em verso**: uma querela inútil. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 279-294, dez. 1999.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **A literatura de cordel como patrimônio cultural**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 72. p. 225-244, abr. 2019.
Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/157058/152462>. Acesso em 05 abr. 2021.

OLIVEIRA, Carlos Jorge Dantas de. **História da literatura de cordel**: período de formação. Fortaleza: FGV, 2015.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 1977.

TENÓRIO, Carolina Martins; BARBOSA, Cleiton Garcia; ASSIS, Regiane Alves de. **Literatura de cordel como fonte de informação**.
http://www.fespsp.org.br/sic2012/papers/2011/BIB/literatura_de_cordel_como_fonte_de_informacao.pdf. Acesso em: 18 mai. 2018.

SLATER, Candace. **A vida no barbante**: a literatura de cordel no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

VIANA, Arievaldo Lima. **Acorda cordel na sala de aula**. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

VIANA, Arievaldo; LIMA, Stélio Torquato. **Santaninha**: um poeta popular na capital do Império. Fortaleza: IMEPH, 2017.